

MATOS, Helena, *Salazar. A Construção do Mito (1928-1933)*. Lisboa: Temas & Debates/ Círculo de Leitores, Fevereiro de 2010.

Em ano de celebração do Primeiro Centenário da República, há como que um assentimento tácito em assinalar também o que veio imediatamente depois. Com efeito, nos escaparates das livrarias, vemos títulos que apontam todas as perspectivas possíveis da República, mas vemos também uma proliferação de (nem sempre) novas perspectivas do Estado Novo e, inevitavelmente, de Salazar. O livro de Helena Matos surge, não obstante, com uma vantagem: aborda a construção do mito, área ainda pouco delapidada. O confronto com o título do livro remete para a pergunta: pode falar-se de um mito de Salazar? Certamente que sim e Helena Matos corrobora esta afirmação com um estudo aplicado e exaustivo sobre a responsabilidade que a imprensa, entre outros elementos, teve nesse processo de mitificação.

Seria contudo injusto considerar que apenas a imprensa terá contribuído para o fazer do mito (embora não se possa de todo escamotear o seu contributo). Vários livros foram escritos neste período e, alargando um pouco o espectro, em anos seguintes. Alguns perfeitamente contemporâneos dos movimentos ditatoriais, funcionando como documentação de tom encomiástico e, dessa forma, mitificadora do líder. Podemos referir, a título de exemplo, o conhecido livro de António Ferro, *Salazar. O Homem e a sua Obra*, de 1933, bem como a obra *Oliveira Salazar. O Homem e o Ditador*, de Armando d'Aguiar, publicado em 1934 no Brasil, mas distribuído também em Portugal. Este último exemplo é ainda mais curioso pelo facto de o seu autor ter sido manifesto opositor de Salazar nos primeiros anos de poder, servindo mais tarde esta obra como demonstração e justificação da sua mudança de entendimento acerca do ditador.

Os anos sobre os quais Helena Matos faz debruçar a sua análise são marcantes e, sobretudo, fundacionais no que diz respeito ao Estado Novo e ao seu ditador. Ainda a soçobrar de arritmias republicanas, o país encontrava-se sequioso de uma liderança de “pulso rijo, coragem pronta, vistas largas (...). Pouco nos importa que seja civil ou militar, diplomado ou autodidacta. Como requisito indispensável, recomenda-se que use de mui poucas falas” (*apud*, p.11). O país estava cansado de líderes prolixos, mas vazios, sobretudo cansado de que não houvesse alguém capaz de segurar todas as rédeas e fazer avançar Portugal. Rédeas por vezes difíceis de suportar no mesmo punho: maçons, católicos, republicanos, militares, monárquicos, rédeas cujo enlaçamento promíscuo dificultava em muito a definição da identidade e dos objectivos de um país ferido de morte, como alguns drasticamente vaticinaram. Salazar, como ministro das Finanças (pela segunda vez, a primeira teria sido em 1926 apenas por uma discreta semana), aparecia como o perfil milimetricamente desenhado pelo *Diário de Lisboa* em 1926 (palavras acima citadas). Surge, deste modo, quase providencialmente, como o homem desejado e ideal para as funções que viria a ocupar. Ainda que seja evidente que o regime controlava a imprensa, a verdade é que esse controlo ainda não era, obviamente, exercido nesta altura. Todos os elogios que apareciam nos jornais eram em grande parte fruto de uma sedução bastante ponderada que Salazar desde sempre exerceu sobre o seu público, à qual também a imprensa não era incólume. O que se pode retirar deste entusiasmo à volta da figura do líder, no livro de Helena Matos, é que provavelmente este estado de ansiedade e de expectativa, espelhada em vários periódicos, mas principalmente nas páginas do *Diário de Lisboa*, terá criado a circunstância perfeita, quase messiânica, da chegada de Salazar. Esta oportunidade, que quase parece oportunismo, fez com que praticamente todo o país o recebesse como um salvador.

Outra das mais-valias da obra de Helena Matos será a valiosa recolha de imagens e transcrição de documentos da imprensa e de outras publicações da época. Assistimos a uma cronologia muito bem documentada de todos os passos dados por Salazar nos primeiros anos de poder. O livro possibilita a perspectiva de “construção” referida no título, demonstrando as primeiras grandes estratégias de propaganda ao poderio de sublimação da imagem do ditador. Por outro lado, a quantidade de fotografias e reproduções fac-símile de documentos mereceria um grafismo que oferecesse maior qualidade de imagem em vez do tom rosado que atravessa (e atrapalha) o livro da primeira à última página. Não obstante alguma desorientação gráfica, a autora oferece-nos uma assinalável recolha documental (desde a fotografia do “1.º sorriso” em 1932, até à “descoberta” da “expressão de Salazar” nos painéis de São Vicente, apenas para referir dois exemplos emblemáticos), recolha que se faz complementar vividamente

com o segundo volume desta obra necessária: *Salazar. A propaganda (1934-1938)*, também pela Temas & Debates/Círculo de Leitores, 2010.

Na introdução a este 1.º volume, *A construção do mito*, lê-se que “perceber a forma como Salazar chegou ao poder, lutou por ele e se manteve nele é um desafio para a investigação e é também uma forma de nos conhecermos enquanto portugueses” (p.7), e parece-nos esta uma das frases pungentes da obra: trata-se de um exercício de compreensão, tal como toda a feitura crítica da história deve tentar ser. Não é Helena Matos que nos diz que há um mito de Salazar, ele já o é, já se construía na altura a que o livro se refere, esta obra apenas desvela as razões pelas quais se construiu o mito e analisa-as para compreender um homem, uma época histórica e, metonimicamente, para compreender os portugueses que mantiveram Salazar quase quarenta anos no poder. ▼



Raquel Drumond Guimarães

Sobrinho, Maria Manuela. *Dom Juan e o Donjuanismo*. Lisboa: Fonte da Palavra, 2010.

A escolha de ter a fotografia de um casal a requeimar-se sobre si, em tom de sépia nostálgico, a ilustrar a capa, e a opção de tê-la rasgada tão precisamente por riscas encarnadas, pode ter sido fruto de uma preferência estética da autora em colaboração com seu designer gráfico. No entanto, a capa, mais do que um ato provocativo e despertador, nos dá também, neste caso em particular, a entoação do conteúdo da obra. A capa do livro *Dom Juan e o Donjuanismo* atesta o trabalho árduo da autora, Maria Manuela Sobrinho, na sua dilaceração do mito donjuanino. Fala-se, aqui, não de uma dilaceração destruidora, mas sim de uma dilaceração que agrega e constrói, que risca a superfície com um corte preciso alicerçado por um embasamento teórico capaz de penetrar o mito e ver no âmago do texto seu significado, sua estrutura e suas repercussões e assim enriquecê-lo ainda mais, dotando-o de valor ao apreciá-lo sob o prisma de diversas dimensões.

O rigor científico existente na análise crítica do mito de Dom Juan é um efeito da sua origem académica, uma vez que o texto é consequência de uma dissertação de mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares. Aliás, faz-se muito presente nos escritos de Manuela Sobrinho a ideia de interdisciplinaridade, ilustrada nos diálogos riquíssimos com antropólogos, retóricos e historiadores, entre outros profissionais conceituados de diversos ramos científicos das Humanidades.

criteriosa nas suas definições de conceitos, a autora debruça-se sobre termos como *clichés*, estereótipo, *idée reçue*, *poncif*, *préjué* e muitos outros, dentre os quais vale destacar a presença marcante do conceito de *mito* que, no texto em questão, é cuidadosamente subdividido, destrocado e reestruturado a partir de diversas abordagens teóricas. Ao se pensar a lenda, ou melhor, o *mito* donjuanino, Manuela Sobrinho nos diz que é preciso adquirir uma abordagem múltipla do que, em primeiro lugar, denomina-se por *mito*. Considerar o *mito* é vê-lo em suas várias dimensões, isto é, existe o mito histórico, o mito literário, o mito recriado. Dilacerar o *mito* é meditar sua linguagem particular e própria, é precisar as ambiguidades de seus significados, é trabalhar a questão da permanência na perspectiva de uma longa duração. A fonte, Dom Juan, guia por realidades múltiplas do conceito de *mito*, que instiga o leitor a pensar, também, na funcionalidade social deste, porque não, artífice, tantas vezes recurso de uma intenção moralizadora. Considerações estas, elaboradas por Maria Manuela Sobrinho, que é fruto da percepção de que o *mito*, como ela mesmo o descreve, “...tem profundas implicações no inconsciente humano”. Portanto, é por isto que o mesmo mito, o mito de Dom Juan, pôde desempenhar papéis distintos em diferentes momentos históricos. De modo que, por um lado, às luzes da sua primeira edição, o mito que é disseminado apresenta um Dom Juan que serve como símbolo de um comportamento devasso a ser evitado; e, em aparente contradição, em um segundo momento, num contexto francês, o mito metamorfoseia-se para falar de um Dom Juan que serve como símbolo de um comportamento de livres-pensadores, quase-atéistas, tão valorizado e adequado ao movimento libertino.

Segundo Manuela Sobrinho é essa adaptabilidade aos novos contextos e instâncias que con-